**A Oração do Coração[[1]](#footnote-1)**

**- Parte III -**

*Por um Cartucho*

**1 – PRÓLOGO**

**2 – ABBA, SANTIFICADO SEJA O TEU NOME**

**Parte I**

**3 – VER POR INTERMÉDIO DO CORAÇÃO**

**4 – PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO**

**5 – MEU CORPO: LUGAR DE ENCONTRO COM O VERBO E TEMPLO DO ESPÍTITO**

**Parte II**

**6 – O MESMO ESPÍRITO QUE ORA EM MIM**

**7 – MINHAS LIMITAÇÕES – LUGAR PARA BUSCAR E ENCONTRAR A TERNURA DO PAI**

O reflexo espontâneo do ser humano é ter medo de suas próprias fraquezas. Ao constatarmos que nem sempre podemos contar com nossas próprias forças, invade-nos uma certa inquietude e corremos o risco de nos angustiar. De fato, tudo o que foi escrito até agora nos leva a perder a segurança pessoal que temos, expondo nossa vulnerabilidade, nossos desequilíbrios ocultos, os limites da nossa condição humana, etc. E, então, reconhecemos que existe apenas uma solução que é o reconhecimento de nossa verdadeira natureza e a nossa entrega nas mãos do Senhor, para que Ele dela se ocupe.

Recordemo-nos do episódio da tempestade calma. Os apóstolos, assustados diante da tempestade que sacode o barco, despertam Jesus que os pergunta surpreendido: “*Por que temeis, homens de pouca fé*?” Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança. (Mt 8,26)

Por que ter medo de minhas fraquezas? Elas existem. Durante muito tempo eu me recusei a encará-las. Pouco a pouco, comecei a domesticá-las. Eu sou obrigado a reconhecer que eles são parte de mim. Elas não são um efeito externo que definitivamente posso delas me livrar um dia. E mesmo se eu tivesse a tendência de esquecê-las, o Pai rapidamente as me lembraria, permitindo-me algum erro, diante do qual não poderia negar a minha natureza pecaminosa. Ele permitiria que minha saúde me falhasse de tal maneira possibilitando-me declarar derrotado e, então, entregar-me-ia sem defesa ao amor do Pai. Isso me comprovaria, sem sombra de dúvida, a grande limitação de minhas faculdades.

Entretanto, a novidade é que, a partir daí, ao invés de minhas próprias fraquezas representarem um perigo para mim, tornar-se-ão uma oportunidade para entrar em contato com Deus. Por esta razão, tenho que me deixar domesticar por eles; deixar de considerá-las como algo perturbador da minha personalidade para vê-las como uma dimensão desejada ou aceita pelo Pai. Isto não é um recuo, mas sim uma estrutura fundamental da vida divina como foi dada a mim. Quando eu me vejo, inesperadamente, diante de uma nova fraqueza do meu caráter, até então não descoberta, minha primeira reação deveria ser de tentar ver nela o Pai, ao invés de temê-la.

Então, como não colocar uma pergunta: A transformação da fraqueza – tão parecida com o fracasso – na vitória do amor, poderia ser uma espécie de recuperação por meio da qual Deus transforma o mal em bem? Ou, pelo contrário, não estaríamos na presença de uma dimensão fundamental da ordem divina?

Muitas coisas poderiam ser ditas sobre esse ponto. Vamos simplesmente nos conformar que, na natureza, todo amor verdadeiro é uma vitória da fraqueza. Amar não consiste em dominar, possuir ou impor-se. Amar significa acolher o outro sem pensar em defesa ou proteção, tendo, portanto, a certeza de ser recebido por outro, de todo o coração, sem ser julgado, condenado e, tampouco, comparado. Não há provas entre dois seres que se amam. Há uma espécie de inteligência mútua interior, graças à qual nenhum possível mal que vem do outro temido.

Esta experiência, embora nunca se torne perfeita, é bastante convincente. E, portanto, é apenas um reflexo da realidade divina.

Desde o momento em que começamos a acreditar verdadeiramente com o coração na infinita ternura do Pai, sentimo-nos, até certo ponto, obrigados a avançar, cada vez mais, em uma aceitação positiva e feliz de não termos, não sabermos, não podermos. Nisto não há uma auto-humilhação insalubre. Estamos entrando, simplesmente, no mundo do amor e da confiança. E assim, quase sem perceber, entramos em comunhão com a vida divina. As relações do Pai e do Filho no Espírito são, num nível que excede totalmente a nossa capacidade de compreensão, a encarnação perfeita dessa fraqueza assumida plenamente na comunhão.

Mais perto de nós se manifesta a íntima ternura das três vezes Santo na relação do Filho encarnado com o Pai. Como não se assombrar com a serenidade e a segurança infinita com que Jesus declara calmamente que não possui nada próprio, que nada pode fazer por si mesmo se não fosse pelo Pai? Qual homem aceitaria tamanho despojamento? Portanto, esta não é a direção que somos obrigados a seguir, caso realmente queiramos viver na profundidade do nosso coração, tal como fomos criados pelo Pai e assim como por Ele fomos transformados pela morte e ressurreição de seu Filho?

Maria nos orienta no mesmo sentido. Magnifica é um cântico de triunfo e de reconhecimento de um desprendimento total.

Ambos estão juntos. Desde o início, ela reconheceu e aceitou sua completa fraqueza e, assim, foi capaz de acolher o Filho que o Pai lhe deu. Ela se tornou na Mãe de Deus porque ela é a que está mais próxima da pobreza de Deus.

**8 – ENTRAR NO SILÊNCIO**

Seguindo o caminho apontado até aqui, é normal que, progressivamente, a atividade intelectual seja apaziguada durante a oração; na medida em que as emoções do coração são canalizadas, qualquer distração ou divagação perde sua razão de ser. Em outras palavras, a oração do coração, em um movimento quase espontâneo, guia-nos para o silêncio. Em alguns momentos, tal sensação é mais forte, o que nos leva, inevitavelmente, ao que se pode chamar de “*tentação do silêncio*”.

O silêncio é um bem que seduz o coração desde o momento em que se tenha uma experiência agradável. Mas há muitas formas de silêncio e nem todas são boas. A maioria delas pode ser considerada como deformação em vez de autêntica oração de silêncio.

A primeira tentação é fazermos silêncio apesar de estarmos convencidos intimamente do contrário. Sob o pretexto de que a inteligência está parada e que o coração parece estar em repouso, imaginamos que alcançamos o verdadeiro silêncio. Na verdade, este silêncio, embora tenha uma autenticidade inquestionável, é o resultado de uma tensão da vontade que, no final, é a mais sutil, porém a mais perniciosa. Em vez de termos nosso coração disponível, tal situação nos mantém em um estado que impõe uma atitude artificial que, em última instância, não oferece uma acolhida ao Senhor, pelo fato de estarmos nos apoiando em nossas próprias forças. No caso de pessoas com vontade energética, isso pode ser um grande obstáculo para a verdadeira disponibilidade ao Senhor. Falando materialmente, o silêncio é ótimo, mas é repleto de si mesmo e sustentado por si mesmo.

Outra tentação é o desejo de acabarmos com o silêncio. Imaginemos que a razão de ser da oração do coração é o silêncio, assim como qualquer existência contemplativa. Estamos em uma realidade material. Nós não nos colocamos diante da pessoa do Pai ou do seu Filho, ou do Espírito. É o nosso estado que conta e não a relação real de amor e disponibilidade que temos em relação a Deus. Dessa forma, não existe uma oração, mas sim uma contemplação de nós mesmos.

Uma tentação análoga à anterior consiste em fazer do silêncio uma realidade em si mesmo. O silêncio é suficiente. A partir do momento em que todos os ruídos dos sentidos, da inteligência e da imaginação forem acalmados, um prazer autêntico se instala em nós e isso é suficiente. Não precisamos de mais nada. Recusamo-nos de procurar almo mais. Tudo que por ventura vier a se introduzir, uma nova ideia, mesmo que seja sobre o Senhor, ou que venha dele, parece um obstáculo. A única realidade divina naquele momento é o silêncio. Já não há mais oração; estamos criando um ídolo chamado silêncio.

Não estou dizendo que o silêncio autêntico não é uma realidade muito importante a que devemos atribuir o seu valor. Mas se quisermos entrar em um autêntico silêncio, teremos que renunciar o silêncio no fundo de nosso coração. Ou seja, não devemos desonrá-lo, nem desprezá-lo, nem mesmo desistir de procurá-lo, mas evitar transformá-lo em um fim.

Acima de tudo, devemos evitar acreditar que o verdadeiro silêncio é o resultado do meu esforço pessoal. Eu não tenho que construir um silêncio peça por peça como se fosse um produto de fábrica. Muitas vezes imaginamos que o silêncio consiste apenas em estabelecer a paz nas faculdades intelectuais, imaginativas e sensuais. De fato, este é um aspecto do silêncio, mas não é todo o silêncio. Além disso, é necessário que nosso coração profundo, na medida em que se identifique com a vontade, seja em silêncio e que seu desejo seja exclusivamente o de fazer a vontade do Pai. Ou seja, que o meu desejo, em vez de estar disposto a impor-se ao resto do ser humano, permanece em pura disponibilidade, em escuta e acolhimento. Então aparece a possibilidade de entrar em um autêntico silêncio de todo o ser diante de Deus, um silêncio que nasce da verdadeira conformidade do meu ser profundo com o Pai, do qual é imagem e semelhança.

Só Deus basta. O resto é nada. O silêncio autêntico é a manifestação desta realidade fundamental de qualquer oração. Há um verdadeiro silêncio no coração desde o momento em que todas as impurezas que se opõem ao Reino do Pai desapareceram. O verdadeiro silêncio se estabelece somente em um coração puro, em um coração que se tornou semelhante ao de Deus.

Por este motivo, um coração puro de verdade pode manter um completo silêncio mesmo estando imerso em atividades diferentes, porque não há desacordo entre ele e Deus. Mesmo se nossa inteligência e sensibilidade estiverem ativas, se estivermos em conformidade com a vontade de Deus, o silêncio autêntico continua a reinar nosso coração.

“*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*”

1. Terceira parte do texto traduzido pelo Rev. Frei João Milton Menezes, cujo original está disponibilizado no site <https://textosmonasticos.wordpress.com/la-oracion-del-corazon/>. Aos seus responsáveis, nossos agradecimentos. [↑](#footnote-ref-1)